

DAIANE PEREIRA FERNANDES DA SILVA

**O CONCEITO DE AUTORIA EM MANUAIS DE
VESTIBULARES E EM DISCURSOS
PEDAGÓGICOS SOBRE PRODUÇÃO DE TEXTO**



ARARAQUARA – S.P.
2017

DAIANE PEREIRA FERNANDES DA SILVA

**O CONCEITO DE AUTORIA EM MANUAIS DE
VESTIBULARES E EM DISCURSOS
PEDAGÓGICOS SOBRE PRODUÇÃO DE TEXTO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Marina Célia Mendonça

ARARAQUARA – S.P.
2017

*Aos grandes amores da minha vida, meus pais, Maria e Antonio,
por todo amor e carinho proporcionado em toda minha vida.*

A Deus, meu mestre, pela sua infinita Graça.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela Graça de conceder tantas bênçãos e milagres em minha vida, sustentar-me em todos os momentos difíceis e mostrar-me que sou capaz de vencê-los por meio de Tua misericórdia.

A Virgem Maria, minha mãezinha, que intercede por mim e acompanha-me na estrada da vida, ajudando-me a realizar e acreditar em meus sonhos a cada novo amanhecer.

Aos anjos da minha vida, meus pais, Antonio e Maria, por nunca me deixarem desistir em meio aos obstáculos e por mostrarem que com respeito, fé e determinação conseguimos realizar os nossos sonhos mais íntimos.

Ao Ricardo Pires, meu namorado, por tamanha paciência e amor na caminhada do cursinho e, principalmente, na Universidade; pelo apoio e amparo tão generoso.

À minha orientadora, Marina Célia Mendonça, docente ética e íntegra, pelo carinho e dedicação com o trabalho e com as iniciações científicas desenvolvidas ao longo da graduação e por despertar em mim o gosto da pesquisa e o entusiasmo da descoberta.

Aos meus amigos de faculdade, grandes parceiros, que foram fundamentais na minha vida acadêmica e no meu amadurecimento como discente e profissional.

Aos familiares e amigos que sempre acreditaram no meu potencial e incentivaram-me na luta diária da graduação.

À família, Piacentini Chacon, pela doçura e cuidado durante toda a minha caminhada na Universidade e pela ajuda na realização de tantos sonhos.

Ao CLG e, principalmente, ao Kadu, por proporcionar maravilhosos debates no mundo da Linguística e por fazer a caminhada mais leve, feliz, cheia de luz, amadurecimento e conhecimento.

Às meninas que moraram comigo, durante a graduação, por dividirem a difícil tarefa de morar fora de casa e longe da proteção dos pais.

A todos aqueles que Deus colocou no meu caminho e que deixaram a minha vida mais feliz e cheia de cor.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso investiga a abordagem dada à questão da autoria em Manuais de Vestibulares e *blogs* de professores. O intuito da pesquisa é analisar como esses Manuais e *blogs* se referem ao papel do autor na produção do texto escrito. O *corpus* utilizado para o trabalho são os Manuais de Vestibulares de universidades públicas de São Paulo e demais Estados, inclusive o Guia do Participante do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e discursos de professores em *blogs*. Nesses materiais, interessam-nos as seções destinadas aos critérios de correção da redação em que são relatados os procedimentos referentes à sua composição e avaliação. A partir dessas instruções, buscamos encontrar enunciados que se refiram de forma explícita à autoria. A análise desenvolvida é de caráter qualitativo e dialógico. A base teórica que sustenta o trabalho é a filosofia do Círculo de Bakhtin. Conceitos desenvolvidos pelo Círculo como *diálogo*, e *tema e significação* são norteadores do estudo. A pesquisa, além do mais, conta com um estudo bibliográfico de trabalhos sobre a autoria no texto escolar, desenvolvida por estudiosos da área do discurso, como Sírio Possenti (2002) e Eni Orlandi (1988), que discutem e tematizam essa questão. Foi encontrado o discurso sobre a autoria no Manual da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e no Guia do Participante do Ensino Médio. Em relação aos *blogs* de professores, não há evidência explícita sobre o discurso autoral.

Palavras – chave: Discurso, Autoria, Manuais de Vestibulares.

ABSTRACT

This Final Paper investigates the approach given to the authorship question in Vestibulares Manuals and teachers' blogs. The purpose of the research is to analyze how these Manuals and blogs refer to the author's role in the written text production. The corpus used for the work are the Manuals of Vestibulares of public universities of São Paulo and other states, including the Participant's Guide to the Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) and teachers' speeches in blogs. In these materials, we are interested in the sections intended to the correction criteria of the essay, in which the procedures regarding its composition and evaluation are reported. From these instructions, we seek to find statements that refer explicitly to authorship. The analysis developed is qualitative and dialogical. The theoretical foundation behind the work is the Bakhtin Circle Philosophy. Concepts developed by the Circle as *dialogue*, and *theme and meaning* are guiding principles for the study. The research, moreover, has a bibliographic study of works about authorship in school text, developed by scholars in the Discourse area, such as Sírio Possenti (2002) and Eni Orlandi (1988), who discuss and broach this question. The discourse about authorship was found in the Federal University of Uberlândia (UFU) Manual and in the High School Participant's Guide. In relation to teachers' blogs, there is no explicit evidence about authorial discourse.

Keywords: Discourse, Authorship, Manuals of Vestibulares.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1: A prova de redação no vestibular..... | 29 |
| Figura 2: Redação de vestibular/concurso..... | 31 |
| Figura 3: Estrutura do texto dissertativo-argumentativo..... | 31 |
| Figura 4: Dissertação..... | 33 |
| Figura 5: Planejar..... | 33 |
| Figura 6: Estrutura da dissertação..... | 34 |
| Figura 7: Introdução..... | 34 |
| Figura 8: Desenvolvimento..... | 34 |
| Figura 9: Conclusão..... | 35 |
| Figura 10: Redação nota 10..... | 37 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 12 |
| 1.1. Diálogo | 12 |
| 1.2. Tema e Significação | 13 |
| 1.3. O discurso sobre autoria na Análise do Discurso brasileira | 14 |
| 2. O DISCURSO SOBRE AUTORIA EM MATERIAIS DE VESTIBUALRES | 17 |
| 2.1. Manuais de Vestibulares..... | 17 |
| 2.2. Provas Comentadas – UNICAMP | 21 |
| 2.3. Programas das Disciplinas do Vestibular – UFSC | 25 |
| 2.4. Padrões de Respostas – UERJ | 25 |
| 2.5. Guia do Participante Nacional do Ensino Médio – ENEM | 26 |
| 3. O DISCURSO SOBRE A AUTORIA RESSIGNIFICADO EM BLOGS | 28 |
| 3.1 Análise de blogs de professores de redação | 28 |
| 1) “ <i>O blog de redação</i> ” | 28 |
| 2) “ <i>Blog da Professora Karina – Língua Portuguesa</i> ” | 30 |
| 3) “ <i>Profa. Eneida – Tudo sobre português</i> ” | 32 |
| 4) “ <i>Têm que pôr título?</i> ” | 36 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 38 |
| REFERÊNCIAS | 40 |

INTRODUÇÃO

Os estudos referentes ao conceito de autoria, no âmbito escolar brasileiro, podem ser encontrados na literatura principalmente a partir de 1980 e potencializam-se nas décadas subsequentes com as questões trazidas, a título de exemplo, por Eni Orlandi (1997, 1998) e Possenti (1993, 2001, 2002, 2013).

O nosso interesse sobre o conceito e o seu valor na esfera pedagógica se iniciou em uma disciplina ministrada pela Profa. Dra. Marina Mendonça em 2014, denominada de “Práticas de escrita na escola: contribuições da Linguística”, momento em que nos ocupamos do estudo do conceito e suas influências no texto a partir da introdução dos pensamentos e discussões de linguistas e estudiosos. Diante do contato e entendimento do assunto, no ano seguinte, 2015, desenvolvemos uma pesquisa de Iniciação Científica Departamental intitulada “O discurso sobre a autoria na redação em Manuais de Vestibulares”, que nos possibilitou fazer um estudo mais detalhado sobre o conceito e as diversas querelas acerca do tema realizadas pelos Analistas do Discurso no Brasil ao longo das últimas décadas.

Salientamos, por conseguinte, que as pesquisas realizadas por nós acerca do conceito de autoria foram o mote para o desenvolvimento desse Trabalho de Conclusão de Curso, que pretende contribuir no âmbito científico e no cenário escolar com um olhar mais expressivo para a ressignificação do conceito em discursos destinados aos alunos-escreventes.

A relevância do conceito de autoria se faz tão presente no estudo do texto, atualmente, que pesquisadores e linguistas continuam a tratar do conceito e reverberar sua importância no contexto escolar; dessa forma, conforme Mendonça (2016), pautando-nos em conceitos estabilizados de *autoria* e *indícios de autoria* tratados, respectivamente, por Orlandi (1988) e Possenti (2002), desenvolvemos um estudo desse conceito na esfera pedagógica na tentativa de observar sua atualização. Analisamos como os Manuais de Vestibulares se referem ao papel do autor na produção do texto escrito e também como o conceito de autoria é atualizado na voz do professor em *blogs* de redação. Em suma, o objetivo da pesquisa é analisar o discurso pedagógico sobre a temática da autoria em textos escolares.

O suporte teórico-metodológico conta com os Estudos Bakhtinianos do Discurso, sobretudo, a filosofia do Círculo de Bakhtin. Conceitos como *Diálogo* (MARCHEZAN, 2006) e *Tema e Significação* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006; CEREJA, 2005) são desenvolvidos neste trabalho e sustentam a discussão em torno dos postulados do Círculo. Além disso, realizamos estudo bibliográfico de trabalhos sobre autoria na área da análise do discurso (AD), buscando esses conceitos estabilizados na esfera científica brasileira. Pautamos a pesquisa em pesquisadores como Sírio Possenti (2002) e Eni Orlandi (1988) que

nos conduziram nessa caminhada em direção ao estudo da autoria, sendo eles figuras importantes para produção de conhecimento sobre autoria no interior da AD no Brasil. Ambos com raízes na Análise do Discurso de linha francesa, com influência de estudos de Pêcheux e Foucault (1969).

Vale salientar, ainda, as instituições selecionadas para análise do Manual do Vestibular: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Estadual de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e UFU (Universidade Federal de Uberlândia). Além das universidades, foi incorporado na investigação o Guia do Participante do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), já que o ENEM é um importante Exame de ingresso às universidades públicas e privadas do Brasil nos últimos anos. Essas instituições foram escolhidas em decorrência de apresentarem um processo seletivo de ampla divulgação no país e independente do ENEM (grande parte das instituições federais do país em 2016 usaram o ENEM como vestibular), bem como abarcarem um amplo espaço geográfico (estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

O cenário institucional e formal da escola exerce um papel relevante na formação do aluno como produtor do discurso. O contato desses alunos com o texto e sua produção dentro e fora do ambiente escolar, com todos os seus prós e contras, abre espaço para muitos questionamentos, inclusive a função exercida pelo professor e seu posicionamento diante do ensino de redação.

Dessa forma, buscando, também, por intermédio deste trabalho constatar como os professores que estão diretamente inseridos no ambiente escolar ressignificam esse discurso e, a partir disso, como já mencionado, ensinam aos seus alunos a redação de vestibular em seus *blogs*, selecionamos alguns sites que apresentavam discursos sobre a redação: “O blog de redação”, “Blog da Professora Karina – Língua Portuguesa”, “Prof. Eneida – Tudo sobre português” e “Têm que pôr título?”

A seguir, expomos a organização deste texto. Discorremos, num primeiro momento, acerca dos conceitos teóricos que sustentam nossa pesquisa, mostrando como se fazem necessários e pertinentes. O capítulo seguinte é analítico: verificamos as regularidades e diferenças das seções destinadas aos critérios de correção de redação nos Manuais de vestibulares selecionados e, conseqüentemente, investigamos marcas explícitas do discurso

sobre a autoria. Segue-se outro capítulo analítico, com desdobramentos do discurso sobre autoria em *blogs* de professores de redação, que se preocupam em trabalhar com a redação e suas peculiaridades na *internet*. Por fim, trazemos a conclusão das nossas investigações em torno do discurso sobre a autoria.

Com esta pesquisa, pretendemos apresentar uma visão de quais materialidades trabalham/atualizam ou não esse conceito, com o intuito de mostrar quão relevante e significativo é esse conceito para a escrita escolar e quão tratada ela é ou não nas esferas pedagógicas e científicas.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os Estudos Bakhtinianos do Discurso são a base teórica deste trabalho. Trabalharemos com conceitos Bakhtinianos como diálogo, tema e significação, que serão base para a análise do *corpus*.

Além disso, os conceitos, estabilizados nos estudos discursivos brasileiros, de *autoria* e *indícios de autoria*, respectivamente, apontados por Orlandi (1988) e Possenti (2002) também fundamentarão nosso trabalho, pois nosso objetivo é perceber como eles são atualizados no *corpus*.

Além disso, por discutirmos o conceito de autoria por intermédio de pesquisadores da área da AD brasileira, faz-se necessário trabalhar com a concepção Foucaultiana de autoria, pois ela é importante no cenário da AD no Brasil e é a base teórica desses pesquisadores.

1.1. Diálogo

O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa *posição do locutor*, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma *posição responsiva*. (BAKHTIN, 1997, p. 294)

Dentro dessa perspectiva dialógica e do explicitado por Bakhtin e o Círculo sobre o *diálogo*, com base na citação, acima, Marchezan (2006) nos relata que diálogo “é a alternância entre enunciados, entre acabamentos, ou seja, entre sujeitos falantes, entre diferentes posicionamentos” (p.116). Nesse caso, podemos depreender que *diálogo* está sempre ligado a um outrem, configurando-se na relação entre eu e outro, assim, tem-se um *eu* que enuncia para um *outro* e que dele se espera uma interação, ou melhor, uma resposta.

O enunciado de um sujeito apresenta-se de maneira acabada permitindo/provocando, como resposta, o enunciado do outro; a réplica, no entanto, é apenas relativamente acabada, parte que é de uma temporalidade mais extensa, de um diálogo social mais amplo e dinâmico. (MARCHEZAN, 2006, p.117).

O conceito de diálogo, portanto, segundo Bakhtin/Volochínov, designa-se como toda comunicação verbal, sendo ela de qualquer natureza. Na voz de Bakhtin/Volochínov (2006), observamos a seguinte definição: “a palavra diálogo num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, p. 125).

Nessa perspectiva, compreendemos diálogo como toda interlocução desenvolvida em qualquer materialidade em que locutor e interlocutor exercem a reciprocidade, um no ato de

enunciar e o outro no ato de responder a essa enunciação. Há instaurado nesse conceito o contradito, ou seja, a réplica como fonte propulsora do diálogo/enunciado emitido, o dialógico da linguagem.

Em nossa pesquisa, esse conceito é fundamental, pois ele sustenta a concepção de linguagem que adotamos. Os enunciados que são analisados aqui são tomados, portanto, como fundamentalmente dialógicos e seu sentido deve ser pensado nessa relação dialógica. No caso dos Manuais de Vestibulares e dos *blogs*, temos um diálogo que nos interessa: as respostas dos enunciadores ao discurso da ciência, em especial ao discurso sobre autoria.

1.2. Tema e Significação

Bakhtin/Volochínov (2006) aborda os conceitos de “tema” e “significação”, propondo-nos uma distinção dos termos.

O autor propõe, a priori, para embasar o sentido dos conceitos, que “Um sentido definido e único, uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação *como um todo*” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.131).

Cereja (2005), ao falar da distinção dos conceitos, descreve como sendo *capacidades de significar* de graus diferentes, assim, “a *significação* é um estágio inferior da capacidade de significar, e o tema, um estágio superior da mesma capacidade” (p.202). Nos escritos de Bakhtin/Volochínov (2006), fica clara a divergência desses conceitos, mas também a importância de serem conceitos interligados e que não se desenvolvem sozinhos, afinal, para definir e difundir o sentido da enunciação e suas diretrizes, ambos são essenciais.

Cereja (2005) apresenta de modo consistente e eficaz ambos os conceitos e suas manifestações:

A significação existe como capacidade potencial de construir sentido, própria dos signos lingüísticos e das formas gramaticais da língua. É o sentido que esses elementos historicamente assumem, em virtude de seus usos reiterados. É, portanto, um estágio mais estável dos signos e dos enunciados, já que seus elementos, como fruto de uma convenção, podem ser utilizados em diferentes enunciações com as mesmas indicações de sentido.

Já o *tema* é indissociável da enunciação, pois, assim como esta, é a expressão de uma situação histórica concreta. Como decorrência, é único e irrepetível. Participam da construção do tema não apenas os elementos estáveis da significação mas também os elementos extraverbais, que integram a situação de produção, de recepção e de circulação (...) (p.202).

À vista disso, temos que a enunciação é dinamizada e produzida por esses dois sentidos, um estável e o outro determinado pela instabilidade dos acontecimentos históricos. Conclui-se, pelos escritos de Bakhtin/Volochínov (2006), que o *tema* “é um sistema de signos

dinâmico e complexo”, já o outro, no caso, a *significação*, é “um aparato técnico para a realização do tema” (p.132).

Por fim, observaremos como o discurso da autoria, em nossos estudos, apresenta sentidos diferentes cada vez que é enunciada, a partir da estabilidade apreendida pelos analistas do discurso (sua significação, de que tratamos no item abaixo) e do novo sentido produzido no momento da enunciação, em contexto didático-pedagógico específico (seu tema). O movimento de análise que propomos aqui toma por base estudos desenvolvidos por Mendonça (2016) acerca da produção de sentido na relação entre as esferas científica e didático-pedagógica.

1.3. O discurso sobre autoria na Análise do Discurso brasileira

A análise do discurso brasileira, mais precisamente, a AD de linha francesa, propiciou relevantes discussões e pesquisas em torno do conceito de autoria, no Brasil, linha essa alicerçada nos estudos de Michel Pêcheux e expandida no Brasil a partir de teóricos como FOUCAULT (1969).

Foucault (1996) pontua em seus estudos considerações acerca do *princípio de autoria*, que pensa o autor como: “agrupamento do discurso”, “unidade e origem de suas significações” e “coerência” (FOUCAULT, 1996, p. 26). Segundo Mendonça (2016), Foucault “[...] não toma autor como sinônimo de falante ou signatário, e entende que essa função não se aplica a uma série de discurso do cotidiano e de esferas jurídicas e midiáticas” (p.268). Entendemos, assim, que é uma definição que restringe a função exercida por um autor e aponta seu espaço de atuação, de forma a qualificá-lo como não constante e geral:

Esse princípio não voga em toda parte nem de modo constante: existem, ao nosso redor, muitos discursos que circulam, sem receber seu sentido ou sua eficácia de um autor ao qual seriam atribuídos: conversas cotidianas, logo apagadas; decretos ou contratos que precisam de signatários mas não de autor, receitas técnicas transmitidas no anonimato (FOUCAULT, 1996, p. 26-27).

À vista dessas constatações iniciais, nos atentemos para a função exercida por esse autor e como ela se estrutura no âmbito social. Segundo Foucault (2009), a *função-autor* é entendida como “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (p.274)

A autoria, portanto, se configura, nessas diretrizes, no modo como o autor, a partir dessa função, se manifesta nessa posição que é histórica e social, que dispõe de um lugar social e se enquadra em uma dada concepção discursiva.

Salientando, segundo ele, que autor “é apenas a projeção, em termos sempre mais ou menos psicologizantes, do tratamento que se dá aos textos, das aproximações que se operam, dos traços que se estabelecem como pertinentes, das continuidades que se admitem ou das exclusões que se praticam” (FOUCAULT, 2009, p. 276-277).

Dentro desse cenário, Orlandi (1988) pensa de modo divergente de Foucault, propondo uma definição e concepção de autoria mais ampla. Para a autora, a *função-autor* é “é aquela (...) em que o sujeito falante está mais afetado pelo contato com o social e suas coerções” (p.77). Assim, temos que:

(...) o autor é a função que o *eu* assume enquanto produtor de linguagem. Sendo a dimensão discursiva do sujeito que está mais determinada pela relação com a exterioridade (contexto sócio-histórico), ela está mais submetida às regras das instituições. Nela são mais visíveis os procedimentos disciplinares (p.77).

O texto produzido por um *autor-específico* apresenta propriedades de autoria. Mas, além do texto provido de um *autor específico*, todos aqueles que não possuem um determinado autor dispõem de autoria. Para a autora, “o texto pode não ter um autor específico, mas sempre se imputa uma autoria a ele” (ORLANDI, 1988, p.77). A autora não restringe o conceito, na verdade, ela o amplia de modo que em todo discurso se constate autoria, diferente da concepção Foucaultiana que o restringe.

Desse autor que é social, se exige, para a escrita textual, por exemplo, como ressalta a autora, alguns procedimentos, como a utilização correta dos mecanismos textuais, a originalidade, a adequação à norma culta da língua etc. Exigências importantes de autoria, pois têm o objetivo de fazer com que o sujeito que escreve seja visível. Esses procedimentos exigidos são tanto da ordem discursiva quanto gramatical.

Assim, do autor se exige: coerência; respeito aos padrões estabelecidos, tanto quanto à forma do discurso como às formas gramaticais; explicitação: clareza; conhecimento das regras textuais: originalidade; relevância e, entre várias coisas, “unidade”, “não contradição”, “progressão” e “duração” do seu discurso (ORLANDI, 1988, p.78).

Orlandi (1988), arraigada em conceitos Foucaultianos e Ducrotianos, propôs sua visão sobre o papel daquele que exerce a autoria em um texto escolar:

Para que o sujeito se coloque como autor, ele tem de estabelecer uma relação com a exterioridade, ao mesmo tempo em que ela se remete à sua própria interioridade: ele constrói assim sua identidade como autor. Isto é, ele aprende a assumir o papel de autor e aquilo que ele implica. O autor, é pois, o sujeito que, tendo o domínio de certos mecanismos discursivos, representa, pela linguagem, esse papel, na ordem social em que está inserido. (p.78-79).

Nesta visão, fica claro que, para que o sujeito que não é autor se coloque como tal, é necessário fazer uma correspondência entre o externo, aquilo que é do social, e o interno, aquilo que é do indivíduo - sua língua. O social e a língua andam atrelados e precisam, nessa conjectura, manter-se ordenados para que assim o autor desempenhe o seu papel no âmbito social.

Paralelamente, Sírío Possenti (2002), autor importante na Análise do Discurso no Brasil, apresenta outra perspectiva sobre a autoria em texto escolar. Nesse trabalho, o linguista trata de definir a noção de autoria tendo relação com os conceitos de *locutor*, *singularidade* e necessariamente *estilo*.

Tem-se falado cada vez mais em autoria². De alguma forma, pode-se dizer que os conceitos levados em conta para conferir alguma substância a essa noção - exatamente para objetivá-la de alguma forma - têm a ver com os conceitos de locutor (expressão que designa o "falante" enquanto responsável pelo que diz) e com o de singularidade (na medida em que, de algum modo, serve para chamar a atenção para uma forma um tanto peculiar de o autor estar presente no texto; talvez uma noção revitalizada de estilo fosse aqui necessária) (POSSENTI, 2002, p.107).

Possenti (2002) nos apresenta pontos a serem pensados, pois, ao falar da sua perspectiva e da sua visão sobre o texto, ou seja, do que ele precisa dispor para ser bom e de qualidade, o autor explana sobre o fato de que o texto não deve ser considerado somente a partir dos aspectos textuais e gramaticais, mas também avaliado em termos discursivos.

(...) um texto do qual se diga que é bom não pode ser avaliado apenas com base em categorias da textualidade tal como as teorias de texto tratam desta questão (muito menos, é claro, a partir de categorias da gramática, especialmente quando se trata apenas de ranço). Penso que um texto bom só pode ser avaliado em termos discursivos. Isto quer dizer que a questão da qualidade do texto passa necessariamente pela questão da subjetividade⁴ e de sua inserção num quadro histórico - ou seja, num discurso - que lhe dê sentido. O que se poderia interpretar assim: trata-se tanto de singularidade quanto de tomada de posição (POSSENTI, 2002, p.108-109).

Para Possenti (2002), há algumas “marcas” no texto, mais precisamente “indícios de autoria”, que nos propiciam notar que um texto dispõe de “indicações” autorais e não “marcas” concretas e propriamente ditas de autoria. Para o autor, não há uma definição instaurada para se observar uma presença ou ausência de autoria em textos. Em sua proposta, as “marcas” são indícios de autoria:

Trata-se, então de dar alguma objetividade à noção de autoria. A questão é como identificar a presença do autor - como encontrar autoria num texto, como distinguir textos com de textos sem autoria. De alguma forma, é necessário ter em mente o chamado paradigma indiciário (ver Guinzburg 1986), para evitar a consideração automática de certas marcas como definidoras da presença ou da ausência de autoria.

Em outras palavras, as marcas não são mais do que indícios de autoria. Como sempre, trata-se de avaliar os indícios (POSSENTI, 2002, p.110).

Além disso, Possenti (2002) estabelece que haja duas atitudes para se tornar autor: “dar voz a outros enunciadores e manter distância em relação ao próprio texto” (p.112-113). Dessa forma, para que um indivíduo se torne autor ele precisa assumir essas duas atitudes, como ressalta o autor.

Possenti (2002) trabalha, como já dito, com o conceito de autoria pontuando-o como “indícios de autoria”. Dessa forma, um texto escolar, portanto, produzido por um aluno em um vestibular ou em uma disciplina de redação, será considerado bom quando dispuser de indicações de ordem autoral, no âmbito discursivo e não somente textual e gramatical. Esse texto necessita conter singularidade configurando-se como um texto que apresenta sentido. O locutor, de forma particular, apoia-se, no momento da produção, em seu estilo, único, e em suas posições a respeito de um tema.

Percebe-se que são duas concepções diferentes (a de Orlandi e a de Possenti), estabilizadas e instauradas em relação ao conceito de autoria. Cada uma dessas concepções aguça considerações pertinentes no modo como olha o conceito: Orlandi (1988) primando pela exterioridade e organização do texto, vendo a possibilidade de se encontrar autoria (a função autor) em todo texto, e Possenti (2002) pensando a questão da singularidade (estilo), entendendo que um texto escolar pode conter indícios de autoria, somente isso. Diante disso, partimos para as análises, no intuito de descobrir como essas concepções são *atualizadas* levando em consideração para a análise os conceitos Bakhtinianos de *diálogo*, *tema* e *significação*.

2. O DISCURSO SOBRE AUTORIA EM MATERIAIS DE VESTIBUALRES

Neste momento, faremos as análises dos materiais de vestibulares, primeiro, observaremos as regularidades e divergências e, em seguida, buscaremos evidências do discurso sobre autoria no *corpus*. Além disso, olharemos materialidades que estão além dos Manuais de Vestibulares, pois foram encontradas manifestações do conceito de autoria em outros espaços.

2.1. Manuais de Vestibulares

O Manual do Vestibular de cada instituição destina uma pequena parte à prova de redação dentre as inúmeras disciplinas do currículo escolar dos alunos. Diante dessa prerrogativa, foram escolhidos dez Manuais de Vestibulares para a análise, inclusive o

ENEM. Os Manuais, reiterando, são das seguintes universidades: UNICAMP, USP, UNESP, UEL, UEM, UERJ, UFRGS, UFSC, UFPR e UFU.

A partir de uma análise cuidadosa de cada Manual, observamos que as seções apresentam, primeiramente, como é constituída a prova de redação, que consiste na explicação do tipo de texto que deve ser produzido pelo candidato e o que a instituição pretende avaliar em relação aos aspectos textuais nessas redações. Dessa forma, universidades como USP, UNESP e UFRG exigem do candidato produções escritas de caráter dissertativo-argumentativo, já as universidades como UNICAMP, UEL, UERJ, UFSC, UFPR, UEM e UFU não determinam um padrão único. Essas universidades primam por produções de variados gêneros discursivos como: carta, artigos, editoriais, entre outros.

Para que haja o cumprimento das exigências determinadas pelas instituições na construção dos textos, o candidato necessita seguir os diferentes critérios que são elencados por cada uma das instituições citadas. De modo geral, notamos nos Manuais que a preocupação das instituições recai sobre os mecanismos textuais como: a organização textual, o tipo de texto, a adequação da linguagem à norma escrita culta, a ortografia, a sintaxe e a leitura. São aspectos de um texto muito bem pontuados e explanados, deixando claro, pelos Manuais, o nível de importância dessas características textuais para se fazer uma redação com sentido e eficácia.

Como exemplo, o Manual da Unicamp e Fuvest, respectivamente:

A PROVA DE REDAÇÃO

A prova de Redação, composta de duas tarefas obrigatórias, busca avaliar a habilidade do candidato no emprego de recursos que são necessários à produção de textos pertencentes a diferentes gêneros discursivos. Cada tarefa é acompanhada de um ou mais textos que irão subsidiar o seu desenvolvimento, além de instruções que indicarão os interlocutores envolvidos, bem como o gênero e o propósito do texto a ser elaborado pelo candidato. A prova procura, desta forma, reproduzir o funcionamento do discurso no mundo real. Para que um texto seja bem sucedido em seus propósitos, o autor deve ter experiência de leitura e delinear um projeto em função de um ou mais objetivos específicos, que deverão ser atingidos por meio da formulação escrita. A avaliação dos textos produzidos levará em conta as condições propostas na atividade: as propriedades do gênero, os participantes da interlocução, o propósito (tendo em vista o tema, a situação de interação proposta e as instruções), a leitura e a articulação entre as partes do texto.

Assim, o candidato deve, no desenvolvimento das duas tarefas, atender a requerimentos relacionados:

1) ao gênero: o texto elaborado pelo candidato em cada uma das tarefas deve ser representativo do gênero solicitado e considerar os interlocutores nele implicados.

2) ao propósito: o candidato deve cumprir o propósito da tarefa que está sendo solicitada, observando o tema, a situação de interação proposta e as instruções de elaboração do texto.

3) à leitura: é esperado que o candidato estabeleça pontos de contato com o(s) texto(s) fornecido(s) em cada tarefa. Ele deve mostrar a relevância desses pontos para o seu projeto de escrita e não simplesmente reproduzir o(s) texto(s) ou partes do(s) mesmo(s) em forma de colagem.

4) à articulação escrita: os textos produzidos pelo candidato devem propiciar uma leitura fluida e envolvente, mostrando uma articulação sintático-semântica ancorada no emprego adequado de elementos coesivos e de outros recursos necessários à organização dos enunciados. O candidato também deve demonstrar ter habilidade na seleção de itens lexicais apropriados ao estilo dos gêneros solicitados e no emprego de regras gramaticais e ortográficas que atendem à modalidade culta da língua (COMVEST/UNICAMP, p.30).

Avaliação da redação

Metodologia de avaliação das redações

A redação deverá ser, obrigatoriamente, uma dissertação de caráter argumentativo, na qual se espera que o candidato, visando a sustentar um ponto de vista sobre o tema proposto ou sugerido, demonstre capacidade de mobilizar conhecimentos e opiniões; argumentar de forma coerente e pertinente; articular eficientemente as partes do texto e expressar-se de modo claro, correto e adequado.

Os textos elaborados pelos candidatos serão avaliados quanto a três aspectos ou quesitos:

I. Desenvolvimento do tema e organização do texto dissertativo-argumentativo

Verifica-se se o texto configura-se como uma dissertação argumentativa e se atende ao tema proposto ou sugerido. Pressupõe-se, então, que o candidato demonstre a habilidade de compreender a proposta de redação e, quando esta contiver uma coletânea, que ele se revele capaz de ler e de relacionar adequadamente os textos que a integram. A paráfrase de elementos que compõem a proposta de redação não é um recurso recomendável para o desenvolvimento adequado do tema. Não se recomenda, também, que o texto produzido se configure como uma dissertação meramente expositiva, isto é, que se limite a expor dados ou informações relativos ao tema, sem que se explicita um ponto de vista devidamente sustentado por uma argumentação consistente. No que diz respeito ao desenvolvimento do tema, verifica-se, além da pertinência das informações e da efetiva progressão temática, também a capacidade crítico argumentativa que a redação venha a revelar.

II. Coerência dos argumentos e articulação das partes do texto

Avaliam-se, conjuntamente, a coerência dos argumentos e das opiniões e a coesão textual, ou seja, a correta articulação das palavras, frases e parágrafos. A coerência reflete a capacidade do candidato de relacionar os argumentos e organizá-los de forma a deles extrair conclusões apropriadas e, também, sua habilidade para o planejamento e a construção significativa do texto. Serão considerados de forma negativa a presença de contradições entre frases ou parágrafos, a falta de encadeamento das ideias, a circularidade ou quebra da progressão argumentativa, o uso de argumentação baseada apenas no senso comum e a falta de conclusão ou conclusões que não decorram do que foi previamente exposto. Serão tidos também como fatos negativos referentes à coesão, entre outros, o estabelecimento de relações semânticas impróprias entre partes do texto, assim como o uso inadequado de conectivos.

III. Correção gramatical e adequação vocabular

Avaliam-se, neste aspecto, o domínio da norma-padrão escrita da língua portuguesa e a clareza na expressão das ideias. Serão examinados aspectos gramaticais como ortografia, morfologia, sintaxe e pontuação, e o emprego adequado e expressivo do vocabulário. Espera-se que o candidato revele competência para expor com precisão e concisão os argumentos selecionados para a defesa do ponto de vista adotado, evitando o uso de clichês ou frases feitas. Avalia-se, também, a seleção adequada do vocabulário, tendo em vista as peculiaridades do tipo de texto exigido. (FUVEST, p.39)

Observamos que esses critérios são desenvolvidos nos manuais de forma semelhante, todos evidenciam a questão de um texto estruturado, adequado à norma culta, às regras gramaticais e ao tipo textual solicitado, os manuais podem estar descritos com outras palavras e cobrarem gêneros textuais diferentes, como no caso da Unicamp, por exemplo, mas usam critérios avaliativos semelhantes. Isto decorrente, na visão dessas instituições, de avaliarem a capacidade do candidato no exercício da escrita por meio desses recursos textuais.

Notamos que, nas seções destinada à redação, não há o discurso sobre autoria na produção do texto escolar na maioria dos Manuais, mas, sim, há o discurso dos “aspectos textuais”. Exceto na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Nessa instituição, encontramos o conceito *autoria* empregado nas seções destinadas ao critério de correção da redação, juntamente com os aspectos textuais. Diante desse cenário, em que os vestibulandos são submetidos a determinadas regras textuais, impostas por instituições, em sua maioria, que anulam o caráter autoral do texto, esse manual coloca-se à frente dos outros, atualizando o discurso tão discutido por analista do discurso ao longo de anos.

Assim, analisemos como o termo autoria foi empregado na Universidade de Uberlândia (UFU):

O texto, portanto, deverá ser redigido de acordo com uma das **três situações** apresentadas na prova e o candidato deverá ser capaz de, minimamente, selecionar e organizar fatos, informações, dados, conceitos ou ideias que possam ser considerados relevantes ao tema proposto. A organização lógica e coerente do texto deve se concretizar na distribuição adequada das informações em períodos e parágrafos; no emprego apropriado dos recursos oferecidos pela língua tanto para expressar ideias e aspectos da interação comunicativa, quanto para relacionar termos, períodos, parágrafos e quaisquer outros segmentos do texto; no uso adequado das estruturas da norma urbana de prestígio; no emprego correto da ortografia oficial; enfim, no uso adequado da linguagem de forma significativa, em um contexto específico e para um fim específico.

O candidato deverá atentar ainda para as especificidades do gênero escolhido, construindo, adequadamente, o remetente e o destinatário (no caso das cartas), apresentando **marcas de autoria**, marcas de interlocução, lugar social da interação, entre outros aspectos (UFU/PROGRAD, grifo nosso).

O trecho destacado, na seção de critérios de correção do Manual da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), faz referência ao conceito de autoria, mais precisamente, ao conceito de autoria abordado por Possenti (2002). Com base nele, o candidato precisa promover “marcas de autoria”, segundo o autor, “as marcas não são mais do que indícios de autoria (...)” (p.110). Ou seja, ele não define marcas que devam ser evidenciadas ou não em um texto, mas indicações. Dessa forma, no Manual as “marcas de autoria” são tomadas como “indícios de autoria”. Por fim, a partir de certos mecanismos discursivos, o vestibulando

concede autoria, qualidade ao texto, segundo Possenti (2002), quando desenvolve em sua redação “traços de subjetividade e se insere num quadro histórico” (2002, p.109).

À vista de termos encontrado, apenas nesse manual, o discurso sobre a autoria, isso nos mostrou que a questão da subjetividade nesses exames não tem sido tratada com muita ênfase a partir de inúmeros trabalhos e discussões que os analistas do discurso têm desenvolvido nas duas últimas décadas no Brasil. Por isso, foi necessário expandir ainda mais o *corpus* na busca de evidências concretas de discurso sobre autoria em outros meios.

A investigação de outros discursos referentes ao vestibular nas instituições como a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) nos possibilitou encontrar marcas evidentes de diálogo com o discurso sobre autoria. Em relação à UNICAMP, encontramos-lo nas seções de “Provas comentadas” no site da COMVEST/ UNICAMP em que estão disponíveis para consulta os comentários feitos pela banca examinadora às provas de redação. Em relação à UFSC, encontramos-lo no tópico que fala sobre os “Programas da disciplina” no site da COPERVE/ UFSC, na seção de vestibular em que a instituição apresenta os critérios de correção da redação. Por fim, encontramos na UERJ, na seção “Padrões de redação” em que estão elencados os itens para avaliação da redação.

2.2. Provas Comentadas – UNICAMP

Com base na análise detalhada das provas comentadas da Unicamp, encontramos o diálogo com o discurso sobre autoria nas provas ao longo de vários anos. As provas comentadas estão disponíveis para consulta desde o ano de 1998. Em relação à prova de redação foi encontrado nos anos de 2004, 2005, 2006, 2010, 2011, 2012, 2013 e 2015 o discurso sobre a questão da autoria.

Isso nos mostra que a Unicamp, diferentemente da maioria das outras instituições citadas nesta pesquisa, expande sua esfera avaliativa no que se refere ao texto escolar, se preocupando além dos aspectos textuais, mas, mais do que isso, com a questão da autoria.

Abaixo estão elencados alguns trechos em que aparece o discurso sobre autoria retirados das provas comentadas da Unicamp:

Prova comenta da Unicamp – 2004

(...) Tema: o autor trabalha o recorte temático e articula idéias a ele vinculadas. Faz um bom aproveitamento dos elementos selecionados (transita entre os vários planos – particular/geral, concreto/abstrato, etc), sustentando seu projeto de texto. **Há marcas claras de apropriação temática no processo de autoria, ou seja, explora bem algumas das possíveis relações suscitadas pela proposta**, o que demonstra

reflexão anterior que permite ao autor perceber a complexidade do tema, e tratá-lo sob diferentes aspectos (...) (COMVEST/UNICAMP, 2004, p.12, grifo nosso).

Prova comentada da Unicamp – 2005

O autor desta redação trabalha de maneira inequívoca o recorte temático proposto, através de um vai-e-vem contínuo entre o passado e o presente do rádio, o que permite demonstrar sua capacidade de permanente reconfiguração sem, contudo, mencioná-la explicitamente. Isso mostra uma maturidade em termos de autoria, já que o próprio texto conduz o leitor a determinadas conclusões sem que seja necessário pontuá-las a todo momento, o que deixaria o texto repetitivo e circular. Percebe-se um rico trabalho de análise suscitada pelo recorte temático proposto em sua relação com a coletânea de textos apresentada (...) (COMVEST/UNICAMP, 2005, p.9-10, grifo nosso).

Prova comentada da Unicamp – 2006

(...) **As marcas de autoria se evidenciam, por exemplo, no modo como autor introduz o tema com a citação da famosa música de Adoniran Barbosa, “Trem das onze”, que será resgatada no final, conferindo total coerência a seu projeto de texto dissertativo, que se orienta no sentido da defesa do transporte ferroviário como o meio mais adequado de locomoção em um país de proporções continentais como o Brasil. Ou melhor, o meio mais adequado de transporte urbano, intermunicipal e interestadual, tanto de passageiros quanto de cargas (...)** (COMVEST/UNICAMP, 2006, p.10), grifo nosso).

Prova comentada da Unicamp – 2010

Esse texto revela, indubitavelmente, uma apropriação do recorte temático produtiva e consequente. **O trabalho de autoria com o recorte temático e com a leitura da coletânea é esmerado.** A leitura flui, porque há um claro projeto de texto sustentando o encadeamento dos argumentos e exemplos que exploram relações suscitadas pela coletânea e, sem dúvida alguma, por um trajeto maduro de leitura do candidato. Além disso, fluidez do texto resulta de um bom domínio da modalidade escrita -- formulações claras e bem encadeadas estabelecem no texto a direção de leitura construída pelo autor (...) (COMVEST/UNICAMP, 2010, p.7, grifo nosso).

Prova comentada da Unicamp – 2011

Nesse artigo jornalístico opinativo, há um claro trabalho de autoria que confere autonomia e sustentação ao texto, formulado em sintonia refinada com a leitura da crônica proposta. As condições de produção para a boa realização da proposta foram levadas em consideração: o gênero a ser trabalhado, a interlocução a ser construída, a leitura da crônica e o propósito da escrita, que era estabelecer um diálogo entre as recentes catástrofes oriundas das chuvas no Brasil e a crônica de Drummond. Trabalhando com três pontos de intersecção entre a contemporaneidade e a crônica, fica clara a posição do articulista nessa relação (...) (COMVEST/UNICAMP, 2011, p.18, grifo nosso).

Prova comentada da Unicamp - 2012

Podemos observar nesse texto um trabalho de autoria que confere autonomia e fluidez ao comentário produzido. Isso porque é possível apreender um claro projeto de texto que sustenta a interlocução e o propósito do comentário, bem como explora, de modo consistente, os elementos fornecidos pelo enunciado introdutório, pelas instruções e pelo gráfico exposto para análise. O fio argumentativo do comentário é sustentado tanto pelo trabalho com a interlocução,

construída de forma eficaz pela oposição “estudante paulista” vs. “estudante do sertão nordestino”, que se mantém no decorrer de todo o comentário, quanto pela análise do gráfico (...) (COMVEST/UNICAMP, 2012, p.7, grifo nosso).

Prova comentada da Unicamp - 2013

(...) **Ressaltamos algumas marcas importantes que nos indicam não apenas uma boa compreensão daquilo que foi solicitado, mas uma boa realização, o que, por sua vez, nos mostra que estamos diante de um candidato que construiu, no seu percurso junto à escrita, uma relação de autoria com o processo de escrita e de leitura de textos que permite que lide de maneira muito consistente com o resumo solicitado.** Uma dessas marcas é a presença sistemática de expressões como “o texto aborda”, “segundo a reportagem”, “a matéria traz”, “esses especialistas apontam”, “o texto faz alusão”, que materializam a distinção necessária entre uma voz autoral responsável pelo resumo e a do texto resumido. Não há, como encontramos na maior parte dos resumos produzidos nessa Prova do Vestibular, uma indistinção nessas vozes que promove o efeito de uma dissertação e não o de um resumo. Há uma exceção, deve-se remarcar, no último parágrafo, no qual o candidato perde um pouco essa distinção necessária, sem, contudo, comprometer a qualidade do trabalho realizado (...) (COMVEST/UNICAMP, 2013, p.5, grifo nosso).

(...) **Ocorre que não estamos diante de um mero cumprimento de exigências, mas de um trabalho autoral que demonstra domínio de leitura e escrita de textos e garante a construção de uma carta incisiva e bem realizada.** É preciso observar a construção da interlocução como um dos elementos estruturantes da argumentação que caracteriza o tipo de texto carta: dirigida aos redatores do jornal – tomados como responsáveis pela decisão da pauta do jornal e, portanto, responsáveis pela ausência de debate e por contribuir para a institucionalização velada do abuso do álcool –, a carta é enunciada por um leitor que se mostra como alguém habituado a ler não apenas o jornal responsável pela matéria, mas outros meios de comunicação e não só isso, como ele mesmo diz e mostra, alguém que pensa sobre o que lê. Trata-se de um leitor que estabelece relações, o que fica muito bem demonstrado pela excelente análise que faz da reportagem sobre a cerveja pet, trabalhando nela tanto o verbal quanto o imagético. Este enunciativo, além de leitor diário do jornal, rejeita uma imagem moralista ao cobrar a presença de um debate que não aceite como legítimos acontecimentos como o da propaganda noticiada da cerveja pet. Os dados da matéria “Vergonha Nacional” são explorados de modo muito consistente, estabelecendo-se a relação entre animais domésticos, jovens, lares, família. Trata-se de uma leitura muito elaborada tanto da matéria publicada na íntegra, quanto do recorte jornalístico. **A carta mostra-nos, portanto, um trabalho de autoria com domínio de leitura e escrita** (COMVEST/UNICAMP, 2013, p.10, grifo nosso).

Prova comentada da Unicamp – 2015

(...) **Foi possível observar um manejo razoável das “vozes” na organização do texto 1:** muitos candidatos tiveram êxito ao marcarem, na síntese, de que texto a informação era proveniente, inclusive indicando, quando pertinente, as posições do autor de cada texto ou de pessoas neles entrevistadas. Manejar os recursos linguísticos que indicam quem “fala” no texto, tais como o discurso reportado (direto, indireto e indireto livre) e o uso de expressões adverbiais do tipo “Segundo o ensaio” ou “Conforme o documento”, é fundamental para demarcar os discursos, distinguindo quem apenas sintetiza o que outros afirmaram (a voz que enuncia na proposta 1, ou seja, o integrante do grupo de estudos) de quem enuncia nos textos-fonte (a autora do artigo e o documento oficial mencionado no excerto 1, e o autor do ensaio e a médica entrevistada no excerto 2.) (COMVEST/UNICAMP, 2015, p.19, grifo nosso).

Diante do exposto acima, a instituição comenta, de forma aprofundada, os caminhos percorridos pelo candidato de modo a exemplificar como ele teve maestria para desenvolver ao longo dos seus textos enunciados que mostrem marcas de autoria, ou na voz de Possenti (2002), “indícios de autoria”. Segundo ele, portanto:

há indícios de autoria quando diversos recursos da língua são agenciados mais ou menos pessoalmente (...). Mas, simultaneamente, o apelo a tais recursos só produz efeitos de autoria quando agenciados a partir de condicionamentos históricos, pois só então fazem sentido. (POSSENTI, 2002, p.121).

Os procedimentos realizados pelos vestibulandos como vemos, acima, na prova comentada, enfatizam a questão da autoria e seus fundamentos através de uma escrita reflexiva e dialógica que atinge seu ápice autoral por meio do trabalho escrito. Diante disso, alguns *recursos da língua* foram necessários para que o vestibulando se colocasse como autor e manifestasse em seu texto *indícios de autoria*. Para a Unicamp, na prova comentada de 2004, acima, mostraram-se indicativos de autoria quando o candidato “se apropria da temática”. Em, 2006, há *indícios de autoria* quando o vestibulando faz uma “citação”. Já, em 2010, se instaura autoria através do “recorte temático” e “a leitura da coletânea”. Por meio desses recursos o aluno consegue promover em seu texto marcas de autoria, indícios, na concepção de Possenti (2002). A Unicamp, com isso, possibilita uma transformação no processo de escrita, primando por redações que fujam das técnicas escolares, suscitando, dessa forma, uma produção que reflita a escrita e seu processo de composição.

Além do que, ao encontrarmos o discurso sobre autoria nessa seção, há o cuidado da instituição em mantê-lo ativo, visto os vários trabalhos realizados a respeito do conceito. As provas comentadas da Unicamp trazem para os vestibulandos um rico conteúdo das propriedades de escrita. As primeiras linhas na introdução referente à prova de redação da Unicamp, na parte das Provas Comentadas trazem, claramente, qual é o intuito da prova.

A prova de redação da Unicamp pauta-se em alguns princípios essenciais: solicitar a escrita a partir de uma situação específica de comunicação verbal, com o subsídio de textos-fonte, num gênero de texto específico. Isso implica situar a produção escrita quanto ao gênero, aos interlocutores, ao propósito que é necessário atender, à forma de circulação do texto (...). (COMVEST/UNICAMP, 2015, p.1)

Vale destacar que no Vestibular da Unicamp todo o trabalho do candidato com seu processo de escrita depende, primeiramente, de uma leitura crítica e, diante disso, de um posicionamento do sujeito que escreve, revelando, portanto, autoria.

2.3. Programas das Disciplinas do Vestibular – UFSC

A entidade responsável pelo processo seletivo da Universidade Federal de Santa Catarina é a Coperve – Comissão Permanente do Vestibular –, que disponibiliza as informações no site, elabora e corrige as provas.

Essa instituição de Ensino, também, apresenta o discurso sobre a autoria, em seu tópico intitulado “Programas das Disciplinas do Vestibular UFSC/2016”, em que são apresentadas as disciplinas não só de redação, mas todas do currículo escolar, disponíveis no site da COPERVE/UFSC, na área do Vestibular. Essas disciplinas são explanadas nesse espaço a fim de mostrar os critérios de avaliação da instituição.

Nesse documento, temos na seção de “Redação (Produção Textual)” os critérios avaliativos e a disposição da prova como nos vestibulares, acima, já analisados anteriormente, com a mesma configuração, ou seja, o objetivo da prova, a explicação dos procedimentos e o que a instituição avaliará como: *1 – Adequação à proposta, 2 – Modalidade escrita na variedade padrão, 3 – Coerência e Coesão e 4 – Informação e Argumentação.*

No critério *3 – Informação e Argumentação*, mais precisamente, no nível de argumentação, encontramos o discurso sobre autoria, assim, temos que a questão da autoria tão discutida pelos analistas do discurso está em voga na prova de redação da instituição.

- Nível de argumentação: o candidato deve demonstrar que sabe selecionar argumentos e organizá-los de modo convergente, revelando criticidade, situando-se em um universo de referências concretas, sem apresentar noções generalizantes, indeterminadas ou vagas, e **fazendo uso de recursos expressivos que marquem sua posição de autoria**, em conformidade com o tema e o gênero textual/discursivo da proposta escolhida para sua produção textual (COPERVE/USFC, 2016, grifo nosso).

Ressaltamos que há referência ao conceito de autoria de Possenti (2002): para ele, autor está implicado à posição enunciativa e ao estilo. Dessa forma, o candidato/vestibulando ao fazer uso de recursos expressivos da língua marca sua posição autoral por intermédio desses recursos conferindo sentido ao texto e autoria.

2.4. Padrões de Respostas – UERJ

A Universidade Estadual do Rio de Janeiro disponibiliza para os vestibulandos “Padrões de Respostas” de cada disciplina cobrada no “Exame Discursivo – Segunda fase”. Nas respostas da disciplina intituladas como “Língua Portuguesa instrumental com Redação”, temos tanto as respostas da prova de Língua Portuguesa como os “Itens para a avaliação da redação” referentes à prova de redação. Em relação aos itens avaliativos temos: *Adequação ao Tema, Tipo de Texto, Desenvolvimento da Argumentação, Estrutura do Período e Coesão e*

Modalidade. Nesta seção, no item *Adequação ao Tema*, encontramos a expressão “marcas de autoria”, o que mostra que a instituição avalia nas redações dos candidatos esse conceito e suas marcas, especificamente. Como vemos abaixo, o conceito parece estar relacionado ao proposto por Possenti, pois aparece em adição à “defesa consistente de ponto de vista”:

Adequação ao Tema

Atendimento à proposta do tema, projeto de desenvolvimento do texto, **marcas de autoria** e defesa consistente de ponto de vista (Padrão de Respostas – UERJ, 29/11/2015, grifo nosso).

2.5. Guia do Participante Nacional do Ensino Médio – ENEM

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) conta com um Guia que demonstra passo a passo os caminhos que devem ser percorridos pelos candidatos para a realização de uma redação nos moldes do Exame. Esse Guia, em sua composição, apresenta enunciados que remetem à autoria, o que expande a visão desse assunto para uma esfera maior de conhecimento e aderência no Brasil, assegurando o consentimento e conhecimento por parte de uma grande maioria, visto que a quantidade de inscritos no Enem cresce a cada ano.

A avaliação da redação por parte dos corretores é feita com base em uma “matriz de competência” que relata as habilidades que os candidatos precisam ter para que se produza uma redação de qualidade no Exame. Temos “cinco competências” que são esclarecidas ao longo do Guia e dentre elas temos a “Competência 3, que revela marcas de autoria.

Assim, como todas as outras competências, a terceira é avaliada por meio de “níveis de desempenho” que são utilizados para pontuar a redação dos alunos. Com isso, observamos cinco níveis avaliados e pontuados na “Competência 3” que analisa se o candidato foi capaz de “Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista”. Apresenta por ordem decrescente níveis de 200 pontos, 160 pontos, 120 pontos, 80 pontos, 40 pontos e 0 pontos.

Na pontuação de 200 pontos e 160 pontos, nessa competência, encontramos as expressões de autoria, que serão demonstradas abaixo:

200 pontos - Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto, de forma consistente e organizada, **configurando autoria**, em defesa de um ponto de vista. (p.19, grifo nosso)

160 pontos - Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, com **indícios de autoria**, em defesa de um ponto de vista. (p.19, grifo nosso.)

Observamos que a diferença entre um nível e o outro concentra-se nos termos “configurando autoria” e “indícios de autoria”. O candidato que atinge o máximo de pontos (200) para essa competência precisa apresentar argumentos sólidos que apresentem fundamentos justificáveis para que se caracterize como autor, apresentando informações, fatos e provas coerentes e lógicas ao longo do texto. Já o candidato que pontua (160) evidencia “indícios de autoria”, demonstra em seu texto traços de “informações, de fatos e opiniões”. Mendonça (2016), ao trabalhar com esses dois conceitos mostra que existe uma hierarquia de valores, ou seja, para ela “na correção da redação do ENEM, (...) “autoria” tem mais valor que “indícios de autoria” (p.17). Ademais, Mendonça (2016, p.17), pontua:

(...) percebe-se que essas duas noções estão relacionadas tanto com a questão da organização/coerência textual na defesa de um ponto de vista (neste aspecto, encontram-se ecos da proposta de Orlandi, em que a função autor exerce o papel de responsabilizar-se pelo texto, por sua organização, por sua coerência), quanto com o aspecto do diálogo com outras “vozes” (“informações, fatos, opiniões”).

O ENEM não dispõe de uma coletânea de textos que deve ser utilizada como base para a elaboração da redação por parte do aluno, como acontece na Unicamp. Ele necessita possuir uma bagagem de vida e conhecimento para argumentar sobre qualquer tema proposto pelo Exame.

Temos, diante disso, a relação do autor com a “exterioridade”, como ressalta Orlandi (1988): “Para que o sujeito se coloque como autor, ele tem de estabelecer uma relação com a exterioridade, ao mesmo tempo em que ele se remete à sua própria interioridade: ele constrói assim sua identidade como autor. Isto é, ele aprende a assumir o papel de autor e aquilo que ele implica” (p. 78-79).

Ainda, como fator relevante, o Enem tem como preocupação a questão da organização textual e discursiva. Segundo Orlandi (1988), para que o texto seja consistente, há algumas exigências feitas em relação ao autor, assim, o seu texto deve dispor de “coerência; respeito aos padrões estabelecidos, tanto quanto à forma do discurso como às formas gramaticais; explicitação: clareza; conhecimento das regras textuais: originalidade; relevância e, entre várias coisas, “unidade”, “não contradição”, “progressão” e “duração” do seu discurso” (ORLANDI, 1988, p.78).

Encontramos marcas de autoria, propriamente, no Manual do Vestibular da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), dessa forma, tivemos, portanto, que expandir o *corpus* para encontrar recorrências desse discurso. Com isso, constatamos nas Provas Comentadas da UNICAMP, nos Programas das Disciplinas do Vestibular – UFSC/2016, Padrões de Respostas da UERJ e no Guia do Participante do ENEM. Isso nos impulsionou a

questionar como os professores que trabalham no ambiente escolar preparam os seus alunos para tais vestibulares.

3. O DISCURSO SOBRE A AUTORIA RESSIGNIFICADO EM BLOGS

Pensando em investigar a abordagem dada pelos professores e como eles traçam uma forma de ensino nas disciplinas de redação para que os alunos compreendam determinadas exigências impostas pelos Manuais e, conseqüentemente, cumpram com o esperado pela banca corretora, ampliamos a pesquisa para traçar uma investigação de como esse discurso que é manifestado nos manuais é ressignificado, atualizado, pelos professores. Nesse caso, o *corpus* se expandiu e observamos esse ato de ressignificação do discurso sobre a autoria em *blogs* de professores de redação.

3.1 Análise de *blogs* de professores de redação

1) “O blog de redação”

O *blog* em questão, disponível em “oblogderedacao.blogspot.com.br”, tem a finalidade de tirar dúvidas e sanar possíveis dificuldades em torno da elaboração da redação. Em uma de suas postagens que tem como título: “A prova de redação no vestibular”, observamos como o professor Gustavo Atallah Haun, responsável pelo *blog*, se posiciona frente à prova de redação.

A PROVA DE REDAÇÃO NO VESTIBULAR

Chegando perto de prestar as provas dos vestibulares das universidades estaduais baianas, o aluno nessas horas tem que se manter calmo, tranquilo e com a consciência em paz, pois, se plantou boas sementes durante o ano letivo, óbvio que irá colher bons frutos agora.

Um dos obstáculos que mais tiram o sono – e realmente o que mais reprova nos concursos – é o da Redação. Muitos mitos e lendas circulam por aí em torno da escrita de um simples texto dissertativo, geralmente o que mais é cobrado nessas ocasiões, por se tratar de um texto debatedor, opinativo, de convencimento, fazendo com que o discente demonstre seus conhecimentos a respeito do assunto proposto.

O texto dissertativo tem como estrutura básica a argumentação, que serve para todo e qualquer tema possível, um tipo de chave-mestra que abre todas as portas. É tão simples quanto milenar: a **introdução** (abordando o tema mais uma alusão das idéias secundárias que servirão de argumentos), o **desenvolvimento** (que terá tantos parágrafos quantos forem os argumentos apontados no início do texto, acrescido de dados, estatísticas, exemplos, citações e especificações) e a **conclusão** (retomando o tema e fazendo uma observação final, como críticas ou soluções do problema que está sendo esmiuçado).

Os alunos chegam em sala de aula cheios de dúvidas, de suposições, de questiúnculas que não se coadunam com um legítimo ensino da escrita de um texto, tais como se pode letra de forma, se pode usar primeira pessoa, se rasurar o que é que faz, qual o mínimo de linhas, etc. Eu sempre digo que depende de cada caso. Existem vestibulares que permitem o uso da letra bastão, outros não. Certos temas permitem o uso da primeira pessoa, outros não... E por aí vai. Na verdade, a grande diferença ou o maior fator, digamos assim, que fará um aluno escrever um texto nota 10, é a originalidade da exposição, a capacidade de discutir acerca do tema, as leituras de mundo que esse sujeito tenha e que demonstre de maneira informativa e clara.

Entretanto, não é isso o que vemos. Apesar de uma avalanche de informações por todos os lados, de tantas publicações midiáticas, do advento da internet e de um certo barateamento dos livros, os adolescentes hoje não lêem muito, ou se lêem não são bons textos, que farão com que eles tenham parâmetros internalizados e absorvam boas idéias. Muitas publicações alternativas ficam restritas a nichos intelectuais que os jovens não frequentam, fazendo com que eles busquem clichês e chavões massificados no dia-a-dia das TVs brasileiras e revistas de gosto duvidoso.

No meio literário é comum a assertiva de que um escritor é medíocre quando escreve mais do que lê. Assim também o é com qualquer ser humano. A leitura é um exercício que está indissociável ao da escrita: só escrevemos bem, se lermos bons e muitos textos! Não há como fugir de tal regra, a não ser que sejamos gênios... O que não vem ao caso. Na dúvida, ponha o coração e a mente na mão e escreva com sinceridade, com verdade, sem esquecer que tudo vale a pena... se a alma não for pequena!

Gustavo Atallah Haun - Professor.

Figura 1: A prova de redação no vestibular. Fonte: <http://oblogderedacao.blogspot.com.br/>

O professor Gustavo começa dando dicas sobre como o aluno deve se portar diante da prova de redação e, em seguida, ele nos orienta a pensar na estrutura canônica do texto dissertativo-argumentativo: a introdução, o desenvolvimento e a conclusão; não sendo diferente de muitos outros professores que nos ensinam o “típico” de uma redação desse caráter.

Significativo percebermos que em “desenvolvimento”, o autor traz a *citação* como mecanismo de acréscimo para a argumentação. O discurso do professor se desenrola em

pontos que fazem com que o aluno tenha eficácia em elaborar um texto nota 10, ou seja, o aluno para produzir tal texto precisa apresentar segundo ele: “a originalidade da exposição”, “a capacidade de discutir acerca do tema”, “as leituras de mundo que esse sujeito tenha e que demonstre de maneira informativa e clara”.

O argumento em forma de citação dialoga com os indícios de autoria de Possenti. Além disso, essa remissão ao discurso do outro, que dialoga com os indícios de autoria de Possenti, aparecem novamente quando o professor fala sobre a importância da bagagem de leitura ou, em suas palavras, *as leituras de mundo* que o aluno precisa ter – esse discurso também remete ao Guia do candidato do ENEM, como vimos, pois para a banca corretora do ENEM o vestibulando que possuir um conhecimento de mundo e aplicá-lo na sua redação atingirá uma boa nota.

O professor, quando indica a questão da *originalidade na maneira de expor*, pode estar nos remetendo ao conceito de autoria desenvolvido por Orlandi (1998), atualizando-o, pois, segundo ela, do autor se exige originalidade, ser original é ser singular – autoral. Ademais, as leituras, segundo o professor, devem ser demonstradas de forma informativa e clara; Orlandi (1988), como exigência para que um texto apresente autoria, destaca, por exemplo, que o autor precisa promover “explicitação” e “clareza” em seu texto, pontos que convergem para o que aqui está exposto.

Temos, nesse blog, um professor que compartilha valores sobre a “boa textualidade” com os manuais de vestibulares, Guia do Candidato e com os linguistas. No entanto, ele não atualiza o conceito de autoria, explicitando-o, apesar de atualizar os valores sobre a textualidade relacionados à autoria e aos indícios de autoria (capacidade de organização textual, singularidade, capacidade de tomar posição frente às ideias dos outros e de articular seu conhecimento de mundo ao fazer um projeto de texto etc).

2) “Blog da Professora Karina – Língua Portuguesa”

Este *blog* disponível em “profekarina.wordpress.com” está voltado para diversas questões relacionadas à Língua Portuguesa e informações do mundo do vestibular. A professora Karina, administradora das postagens, aborda reflexões de vestibulares como FUVEST e, em maior quantidade, ENEM. Neste blog, nos interessa o tópico “Redação” em que analisaremos como a professora trata dessa disciplina e qual sua opinião e seus fundamentos teóricos para propor caminhos para a elaboração da redação. Há uma postagem interessante para o nosso estudo intitulada “Redação de vestibular/concurso”.

Abaixo, encontram-se dois fragmentos sobre a composição desse tipo de redação:

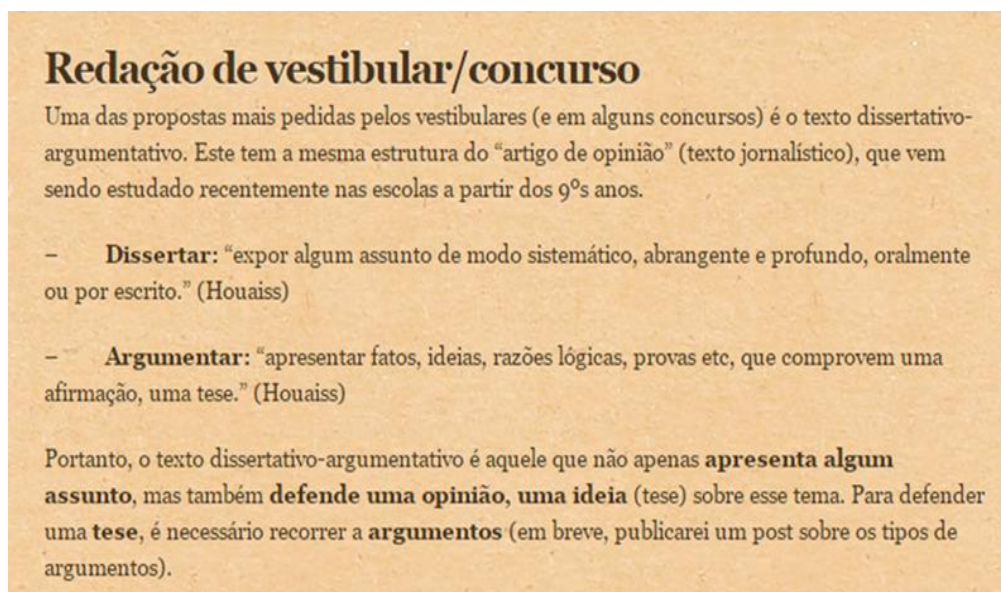


Figura 2: Redação de vestibular/concurso. Fonte: <https://profekarina.wordpress.com/>

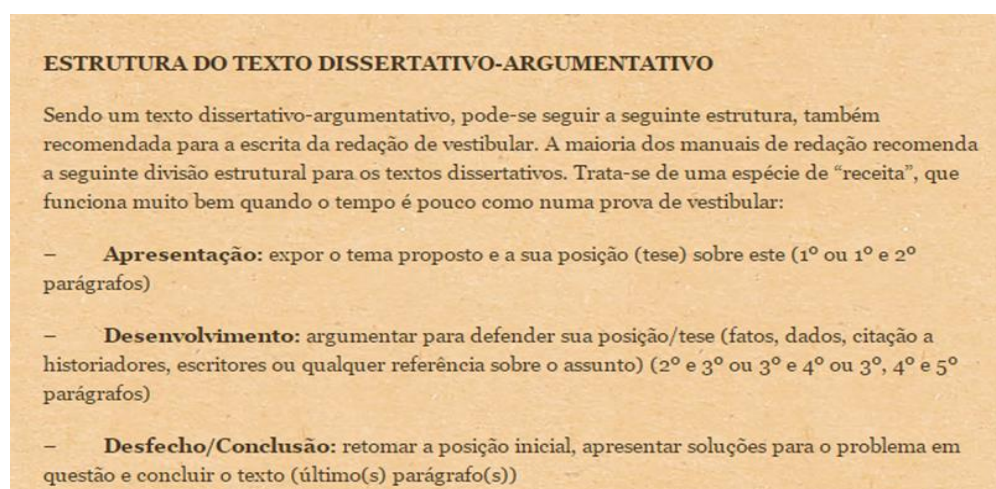


Figura 3: Estrutura do texto dissertativo-argumentativo. Fonte: <https://profekarina.wordpress.com/>

Ela inicia a discussão relatando para os alunos que uma das propostas mais pedidas pelos vestibulares é o texto dissertativo-argumentativo. Em seguida apresenta, segundo o dicionário Houaiss, o significado dos termos dissertar e argumentar. Dessa forma, a professora apresenta e define o que é um texto dissertativo-argumentativo para seus alunos, como o primeiro passo do seu processo de ensino de redação. A educadora divide a redação em três partes, sendo elas: *Apresentação*, *desenvolvimento* e *desfecho/conclusão*. Observamos que o aluno precisa apresentar a tese nos parágrafos iniciais, nos parágrafos seguintes se posicionar por meio da argumentação e por último concluir a dissertação. Diante do exposto, percebemos que a professora discorre sobre a estrutura clássica da dissertação, mas dentro dessa perspectiva, constatamos apontamentos que podem presumir que ela esteja fazendo referência implícita ao conceito de autoria. Na parte de apresentação, por exemplo, nos remete

à posição que deve ser tomada pelo o aluno, diante do tema proposto para sua dissertação, o que nos leva ao posicionamento de Possenti (2002), para quem autoria é um “efeito simultâneo de um jogo estilístico e de uma posição enunciativa desenvolvida por locutores e enunciadores” (p.105).

Já na parte do desenvolvimento da dissertação, a professora aponta como meio para defender a argumentação, que o aluno traga para o texto citação de historiadores, escritores ou outras referências, o que pode ser entendido como um diálogo “frouxo” com o discurso sobre autoria de Possenti e do Guia do Participante do ENEM. Não há explicitação do conceito de autoria.

Dentro desse quadro de ensino de redação, constatamos que não há apontamentos mais profundos e explicativos; a professora Karina reproduz o que estamos acostumados a ouvir quanto à composição de uma redação.

3) “Profa. Eneida – Tudo sobre português”

O *blog* “Tudo sobre português” disponível em “www.profeneida.com” abrange os assuntos da Língua Portuguesa dividida em quatro esferas: gramática, literatura, interpretação de texto e redação. A professora Eneida, aposentada, é a responsável pelo *blog*. O intuito é observarmos como a professora, no âmbito da disciplina de redação, passa o conteúdo e de que forma a produção escrita é entendida por ela. Em nossa análise do *blog*, nos pautamos no que a professora denominou como “Redação – Teoria”. Observamos vários pontos a serem elencados e explicados pela educadora como, por exemplo: o que é uma dissertação, o que é planejar um texto, entre outros. Seguem alguns pontos sobre a redação vistos na página:

Aliás, o que é uma dissertação?

- Dissertação é defender um ponto de vista a partir de um tema proposto.
- A prova ganha o nome de redação, porque é amplo.
- A redação, propriamente dita, divide-se em descrição, narração e dissertação. Esta última é a exigida, pois pressupõe um desenvolvimento mental com condições de análise crítica.
- O texto argumentativo obedece a uma ordem lógica argumentativa, por isso é que se deve usar o presente, o tempo da abordagem do tema.
- Outra particularidade é a pouca adjetivação. Também os pronomes indefinidos – tudo, nada, algum, nenhum, certo, etc... não devem ser usados em exagero.
- O texto deve retomar a opinião sobre o assunto proposto no tema, mas não pode limitar-se a essa repetição. É preciso que se acrescentem novas informações como explicação e exemplos a propósito dos elementos retomados.



Leia com muita atenção o tema sem se preocupar em começar a escrever. Leia o texto dado e identifique a pergunta contida no tema. Esse é o passo mais importante.

Figura 4: Dissertação. Fonte: <http://www.profeneida.com/>

O que é planejar um texto?



Pense e anote frases curtas ou palavras-chaves para a sua posterior análise. Chamamos isto de EXPLOÇÃO DE IDEIAS. Tudo é válido agora, mesmo que depois algumas destas ideias sejam descartadas.

Não se esqueça de que uma ideia puxa a outra e agora vão entrar os seus anos de leitura. Quanto mais você leu, mais ideias terá e isto é fundamental para fazer uma boa redação.

Figura 5: Planejar. Fonte: <http://www.profeneida.com/>

Estrutura da Dissertação

O texto dissertativo prevê três partes fundamentais:

Introdução – média 5 linhas

Desenvolvimento – média 20 linhas

Conclusão – média 5 linhas

OU

Introdução – média 5 linhas

Desenvolvimento 1 – média 10 linhas

Desenvolvimento 2 – média 10 linhas

Conclusão – média 5 linhas

Não existe um número de linhas determinado para cada parágrafo. O tamanho de cada um deles – três no mínimo – é sempre o tamanho da sua eficiência, do quanto cumprem a sua função

Figura 6: Estrutura da dissertação. Fonte: <http://www.profeneida.com/>

Introdução

A introdução deve indicar o que vai ser discutido.

Responder a pergunta da Universidade.(uma frase)

Justificar a resposta (outra frase)

Existem várias maneiras de se começar a introdução, mas a mais fácil é partindo de um dado histórico.

Este dado pode ser expresso em – “No século... ou em meados de....” Não precisa ser bom em história, mas referendá-lo.

O que não pode ser usado é: “*NOS PRIMÓDIOS DA HUMANIDADE...*”, porque o conhecimento humano aconteceu de forma gradual.

Figura 7: Introdução. Fonte: <http://www.profeneida.com/>

Desenvolvimento

Ele pode ser escrito em um ou mais parágrafos. Aqui você vai provar o que foi indicado na introdução com dados e fatos da realidade em que se vive. Por isso é que ele é maior.

Para sustentar uma opinião sobre um assunto da atualidade, uma argumentação baseada em dados e fatos da realidade em que se vive, tem um poder de persuasão maior do que uma argumentação baseada em dados e fatos distantes da nossa realidade. ASSIM:

○

EXPLIQUE – Acrescente ideias que provem que a justificativa sustenta a resposta.

○

EXEMPLIFIQUE – Relate uma situação que prove o que foi explicado. É o único período narrativa da sua dissertação. É exatamente este período que vai dar o seu toque pessoal.

○

OPINE – Julgue, comente o que foi explicado.

Figura 8: Desenvolvimento. Fonte: <http://www.profeneida.com/>

Conclusão

A sua extensão também deve ficar entre 5 e 8 linhas e deve apenas fechar o texto, explicitando a opinião do candidato (a sua) sobre o assunto do tem, cuidando para não ser contraditório

Normalmente a redação perde qualidade na conclusão. Esta deve ser uma frase nova, isto é, acrescentar algo. Não se esqueça de que a última frase é a impressão que antecede a nota que vão lhe dar.

Para lhe dar uma mãozinha, você pode começar a conclusão assim:

Assim, termino considerando que

Em suma.....

Nesta última consideração sobre o tema proposto, penso que....

Figura 9: Conclusão. Fonte: <http://www.profeneida.com/>

Notamos que em relação à composição de uma dissertação que é um tipo de redação pedido pelo ENEM, FUVEST e UNESP, a professora trabalha e ensina a conhecida composição dissertativa: introdução, desenvolvimento e conclusão. Ela ainda estipula a quantidade de linhas para a introdução, o desenvolvimento e a conclusão, apresentando dois modelos.

A explicação de cada ponto foi bem sucinta e não apresentou um embasamento teórico profundo e que pudesse ser claro para os alunos. A questão da autoria não é vista e nem discutida por Eneida em sua teoria da redação. Mas há indícios de que ela entenda ser positiva a autoria.

Veja-se o trecho abaixo:

o

EXEMPLIFIQUE - *Relate uma situação que prove o que foi explicado. É o único período narrativa da sua dissertação. É exatamente este período que vai dar o seu toque pessoal.*

Diante desse trecho, podemos presumir o conceito de autoria, visto que o “toque pessoal” é importante para a professora, pois para ela é o momento singular da narrativa na dissertação. Podemos nos remeter a Orlandi (1988), afinal, o “toque pessoal” tem a ver com assumir um lugar na instituição, no caso, a escola, de sujeito que diz uma “palavra pessoal”.

O ensino de redação é pautado em questões básicas e estruturais que não são muito desenvolvidas, o que não ajuda o aluno a conseguir êxito na elaboração da redação, pois como no caso da estrutura, por exemplo, temos o enfoque na quantidade de linhas, fator não

relevante em uma redação, propriamente. O importante em uma redação é a qualidade da argumentação, juntamente com adequação ao tema, coesão e coerência na escrita etc.

Observamos que a professora trata de pontos comuns e que não são tratados de forma profunda na disciplina de redação. Uma “teoria” da redação deveria dar mais ênfase aos aspectos subjetivos na produção escrita do contexto escolar.

4) “Têm que pôr título?”

Este *blog* disponível em “temqueportitulo.blogspot.com.br” é composto de informações e dicas sobre como elaborar boas redações nos moldes dos vestibulares da Unicamp e Enem e, além disso, propõe discussões pertinentes acerca do mundo da produção escrita como: comentários de gêneros cobrados na Unicamp, propostas de redação, projetos de textos etc. O *blog* tem como autor o professor Cícero Gomes Júnior que, desde maio de 2010, publica conteúdos relacionados à redação nessa ferramenta. Dentro desse *blog*, selecionamos uma postagem interessante e pertinente sobre como o autor ensina redação nesse meio midiático: “O que fazer para ter uma redação nota 10?”

O trecho escolhido é simples e bem geral, visto que Cícero aconselha a ir para outra seção do *blog* em que as questões apontadas nessa postagem serão mais explanadas e caracterizadas. Elegemos essa postagem porque mostra dois pontos importantes e que *dialoga* com vestibulares como o da UNICAMP. Além disso, entendemos que tais indicações suscitadas pelo autor estão diretamente ligadas à escrita de um texto longo e direcionado a uma prova de vestibular. Afinal, ele pontua que tais princípios não servem para um texto curto.

Veremos dois princípios básicos pontuados pelo professor que podem ser aplicados aos textos e que possibilitam o bom desempenho do vestibulando e, conseqüentemente, permitem que se chegue a uma nota alta.

domingo, 3 de fevereiro de 2013

O que fazer para ter uma redação nota 10?

Essa pergunta apareceu em um comentário no meu post anterior. Vou tentar responder, mas obviamente não é algo que se possa cobrir em um texto curto. Em primeiro lugar, vale a pena lembrar o que eu sempre digo aqui: cada gênero, tipo de texto, proposta e vestibular tem suas próprias regras. Mas, de modo geral, vou apontar dois princípios:

1 - planeje o texto

Os melhores textos, publicados pelos organizadores de vestibular, não são os mais criativos nem os de maior valor literário: são os mais organizados. Um hábito importantíssimo, portanto, é sempre planejar cuidadosamente o que escrever, antes de começar a colocar as palavras no papel a ser entregue. Muitos outros tópicos que já escrevi e que vou escrever ainda tratam justamente de como organizar um projeto de texto para tipos e gêneros variados. No momento, eu recomendaria o post <http://temqueportitulo.blogspot.com.br/2012/01/projeto-de-texto-dissertativo-parte-2.html>

2 - pratique

Escrever bem não é uma habilidade que se adquire instantaneamente. Também não é algo que depende de um truque simples, ensinável em poucos minutos. O que vai levar as redações a melhorar é escrever com frequência e também prestar muita atenção às correções. Por isso, eu sugiro a todos os interessados em melhorar sua escrita e, conseqüentemente, suas notas em provas e vestibulares que procurem um profissional para corrigir os textos e escrevam no mínimo uma vez por semana, sempre tentando melhorar e corrigir os problemas encontrados na redação anterior.

Ainda vou falar muito sobre isso por aqui. Até breve.

Figura 10: Redação nota 10. Fonte: <http://temqueportitulo.blogspot.com.br/>

Nesta postagem, notamos que dois princípios básicos são pontuados por Cícero: o *planejamento do texto* e a *corrente produção escrita*. Para o autor, os textos bem-sucedidos são aqueles que antes mesmo de serem escritos é pensada cada parte de sua composição, isto é, o aluno precisa direcionar o caminho pelo qual ele deve seguir antes mesmo de colocar no papel. Ademais, praticar a redação é um ponto ressaltado pelo professor; segundo ele, a melhora na redação é atingida pelo trabalho árduo de escrita e atenção aos pontos a serem melhorados a cada correção. Diante disso, Orlandi (1988), quando retrata a questão da organização discursiva, mostra que o aluno precisa ser coerente, original, propiciar “unidade”, “não contradição”, “progressão” e “duração” do seu discurso (ORLANDI, 1988, p.78). Assim, o autor precisa realizar um trabalho de escrita, planejando, escrevendo, reescrevendo o seu texto, dessa maneira, ele conseguirá produzir um texto nos moldes do que é desejado pelos vestibulares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do panorama do trabalho e da investigação em Manuais de Vestibulares, podemos notar que a discussão sobre a questão da autoria não apresenta uma abrangência significativa nesse espaço. Apenas a Universidade de Uberlândia (UFU) apresenta em seu Manual esse discurso e o Guia do participante do Ensino Médio (ENEM). Os Manuais de vestibulares não discutem em sua maioria o assunto, o que nos revela uma pequena margem sobre o estudo da subjetividade na produção escrita nesse espaço. O que nos provoca muitos questionamentos, afinal, há muitos trabalhos desenvolvidos por analistas do discurso sobre o conceito. O discurso sobre a autoria deveria ser pontuado e estabelecido pelos exames, de forma ampla, na seção de redação, pois os textos produzidos pelos vestibulandos em exames que cobram e estabelecem o conceito apresentam um trabalho autoral riquíssimo, dispondo de subjetividade e marcação de estilo.

Fica evidente, portanto, que uma pequena margem de Manuais de vestibulares (dois) aborda o conceito, outros não enfatizam o trabalho importante desenvolvido sobre a questão autoral, deixando de lado nos exames um estudo valoroso para a produção escrita que propõe uma visão ao exercício de escrita fora dos moldes estabelecidos. Esse conceito foi encontrado em outras seções do vestibular, mas não dentro do Manual do Candidato como na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), assim, o vestibulando precisa ir além dos Manuais para entender completamente o que esperam os avaliadores sobre esse quesito. Salientamos que mesmo encontrando em outras seções o discurso sobre a autoria, ainda assim, não tem sido tratado de maneira ampla em todos os vestibulares analisados e discutidos nessa pesquisa. Poucos vestibulares usam o conceito e revigoram a questão a partir de inúmeros trabalhos realizados pelos analistas do discurso nas duas últimas décadas no Brasil.

Estendendo para o campo dos professores, ou seja, os educadores que estão diretamente ligados aos alunos e são os formadores de conhecimento, podemos notar que nos *blogs* pesquisados não há menção por parte dos professores ao conceito de autoria explicitamente, mas há, em alguns momentos, um diálogo implícito com o discurso sobre autoria.

O *blog* do professor Gustavo Atallanh Haun propõe a discussão de leitura e escrita e bagagem de mundo que pode estar relacionada à questão da autoria. A professora Karina, por exemplo, apresenta a questão da citação que é relevante para a elaboração da redação do Enem. Já a professora Eneida trata da leitura e singularidade daquele que escreve e, por fim, o *blog* do professor Cícero Gomes que apresenta discussões relevantes e embasadas sobre planejamento e prática de escrita, uma proposta que está ligada ao projeto desenvolvido pela

Unicamp, que prima por uma leitura atenta e um bom planejamento do texto, conforme as instruções dadas, além do que, os textos são da ordem do real, do cotidiano dos alunos.

Os *blogs* são muito parecidos na maneira de informar o vestibulando, não adentram em características mais relevantes e importantes para a compreensão do educando sobre a redação. O *blog* da professora Karina, por exemplo, não explora detalhadamente os pontos que compõem uma redação. Interessante seria se a professora pontuasse os itens e explanasse a fundo e, claro, dessa forma, ensinaria sobre a autoria mostrando para o aluno o que deve ser feito para atingir o esperado pela banca corretora, quando traz a citação e o posicionamento do aluno.

Podemos perceber que há um conhecimento dos professores sobre o exposto nos Manuais de Vestibulares, porém eles trabalham de maneira superficial deixando escapar itens importantíssimos e que fazem toda diferença na produção de uma redação. Torcemos para que os olhares desses Manuais e professores mudem em relação ao discurso sobre a autoria, na busca de tratarem do conceito de forma clara e consistente para um melhor desenvolvimento e excelência na escrita escolar.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN/VOLOCHÍNOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRASIL, INEP. **A redação no Enem-2013**. Guia do Participante. Brasília, 2013.

BERTO, Eneida. Prof. Eneida. **Redação – Teoria**, abr.2016. Disponível em:
<<http://www.profeneida.com/#!Redação-Teoria/ozbnj/570ea4890cf2af49d7100729>>.
Acesso em 21/06/2016.

CEREJA, W. **Significação e tema**. In: BRAIT, B. (Org.) Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

COMVEST/UNICAMP. **Manual do Candidato 2015**. Disponível em:
<<http://www.comvest.unicamp.br/vest2015/manual.html>>. Acesso em 21/06/2016.

_____. **Provas comentadas 2004 - Redação**. Disponível em:
<http://www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2004/download/comentadas/1fase.pdf>.
Acesso em 21/06/2016.

_____. **Provas comentadas 2005 - Redação**. Disponível em
<http://www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2005/download/comentadas/1fase.pdf>.
Acesso em 21/06/2016.

_____. **Provas comentadas 2006 - Redação**. Disponível em:
<http://www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2006/download/comentadas/1fase.pdf>.
Acesso em 21/06/2016.

_____. **Provas comentadas 2010 – Redação**. Disponível em:
<http://www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2010/download/comentadas/redacao.pdf>.
Acesso em 21/06/2016.

_____. **Provas comentadas 2011 - Redação**. Disponível em:
<http://www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2011/download/comentadas/redacao.pdf>.
Acesso em 21/06/2016.

_____. **Provas comentadas 2012 - Redação**. Disponível em:
<http://www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2012/download/comentadas/redacao.pdf>.
Acesso em 21/06/2016.

_____. **Provas comentadas 2013 - Redação**. Disponível em:
<http://www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2013/download/comentadas/redacao.pdf>.
Acesso em 21/06/2016.

_____. **Provas comentadas 2015 - Redação**. Disponível em:

<http://www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/2015/download/comentadas/redacao.pdf>. Acesso em 21/06/2016.

COPERVE/USFC. **Programa das Disciplinas do Vestibular UFSC/2016**. Disponível em: <<http://vestibular2016.ufsc.br/>>. Acesso em 21/06/2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. -São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **O que é um Autor?** In Estética: literatura e pintura, música e cinema (Ditos e escritos III). RJ, Forense Universitária, 2009.

FUVEST/USP. **Manual da Fuvest 2015**. Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest2015/manual/fuv2015.manual.interativo.pdf>>. Acesso em 21/06/2016

GERALDI, João Wanderley. (Org.) **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1983.

_____. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Linguagem e Ensino**: Exercícios de Militância e Divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

_____. **Ancoragens**: estudos bakhtinianos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

HAUN, Gustavo Atallah. O blog de redação. **A prova de redação no Vestibular**, set. 2011. Disponível em: <<http://oblogderedacao.blogspot.com.br/2011/09/prova-de-redacao-no-vestibular.html>>. Acesso em 21/06/2016.

JÚNIOR, Cícero Gomes. Tem que pôr título? **O que fazer para ter uma redação nota 10**, fev.2013. Disponível em: <<http://temqueportitulo.blogspot.com.br/2013/02/o-que-fazer-para-ter-uma-redacao-nota-10.html>>. Acesso 21/06/2016.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

MENDONÇA, M.C. O discurso sobre autoria na esfera didático-pedagógica: algumas considerações. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v.15, n.2, p. 265-284, jul./dez. 2016.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

POSSENTI, Sírio. **Estilo e aquisição da escrita**. In Estudos Linguísticos, XXII. Anais de Seminários do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), São Paulo, Jaú, 1993.

_____. **Indícios de autoria**. Perspectiva, Florianópolis, v.20, n.01, p.105-124, jan./jun. 2002.

_____. **Notas sobre a questão da autoria.** Matraga, Rio de Janeiro, v.20, n.32, jan./jun. 2013.

_____. **Enunciação, autoria e estilo.** Revista da Faeeba, Departamento de Educação – Universidade do Estado da Bahia – Uneb, v.10, n. 15, jun./jul.2001.

UERJ. **Padrões de Resposta.** Disponível em:

<http://www.vestibular.uerj.br/portal_vestibular_uerj/arquivos/arquivos2016/provas_e_gabarios/ed/padrao_resposta/2016_ED_PR_LPI_Redacao.pdf> Acesso em 19/07/2016

UFU/PROCSEL. **Manual do Candidato.** Disponível em:

<http://www.ingresso.ufu.br/sites/default/files/anexos/procel/20162/PS20162_Manual_Candidato.pdf>. Acesso em 21/06/2016.

VIEIRA, Karinaml. Blog da Professora Karina – Língua Portuguesa. **Redação de vestibular/concurso.** Disponível em: <<https://profekarina.wordpress.com/redacao/redacao-de-vestibular/>>. Acesso em 21/06/2016.